

Mas, enquanto há algum tempo atrás, isso teria sido unicamente uma questão de pesar, agora tornou-se algo notável.

No momento em que Rainer foi removido do fluxo e re-fluxo mutante de sua existência, adquiriu um firme contorno em minha mente. A totalidade de seu caráter essencial emergiu de minha preocupação interior com ele, de cartas e lembranças, e de um novo e inaudito tipo de comunhão. Primeiro, isso assumiu a forma de uma intensificação do pesar — uma espécie de lamentação por eu não mais poder *dizer* a ele, comunicar a ele, o que para ele teria sido um elemento tão importante de conhecimento e experiência. Mas ele permaneceu uma figura indizivelmente distinta — superando de muito a distinção da existência real —, uma figura que, sinto, não se turvará com o tempo, nem atravessará o processo que normalmente nos torna lentamente acostumados com nossa perda, mas cujas cores, por assim dizer, são uma prova contra o esmaecimento e que, com um elemento genuíno da realidade, se adaptará de acordo com a luz ou a sombra do ambiente.

Não sei se é realmente possível descrever tudo isso. Talvez não — ou, talvez, *eu* não possa. Mas gostaria de fazer uma outra tentativa indireta através de uma imagem diferente: frequentemente, tive uma relação bastante especial com a natureza (daí meu forte impulso de viver apenas no campo), uma relação tal que, depois de viver em cidades ou de viajar, ou após relações sociais, ou de estar com amigos, sentia que precisava voltar ao velho ambiente da natureza, quase como se eu precisasse disso para analisar para mim mesma o que experimentara nesse intervalo. Então, era quase como se a natureza estivesse dizendo-me, através de suas árvores e prados e nuvens, o que ela própria experimentara — o vasto, simples e invariável destino das estações que por ela passaram — e como se meus vários interesses humanos, em comparação com isso, tivessem pouca importância apesar de seus múltiplos aspectos. E agora é quase como se Rainer estivesse debaixo de minhas árvores, enquanto elas experimentam o outono, o verão, o inverno ou a primavera. Num sentido diferente ele também se tornou 'maduro' com elas, reduzido a umas poucas linhas essenciais. Mas é também, da mesma forma, imutavelmente real e maduro, não afetado pela sua ou minha subjetividade e ainda assim simboliza completamente nossas emoções internas, exata-

mente como nossas impressões da natureza exterior são sempre consideradas por nós como simbolizando algo dentro de nós.

Não, falar sobre isso não esclarece. Mas desde a morte de Rainer tenho sentido um forte desejo de falar-lhe a esse respeito. Antigamente — quanto tempo faz — tentava vez por outra exprimir a mesma coisa ao escrever-lhe ou ao falar com o senhor. Pois, de uma maneira ou de outra, isso sempre esteve e ainda está ligado ao que eu aprendi a ver, reconhecer e experimentar através do *senhor*. Este fato está sempre presente para mim, nunca recua para o plano de fundo. Constitui o imenso laço que sempre tive e sempre terei com o senhor.

E por essa razão, o senhor precisa perdoar-me este discurso tão longo. Não me estenderei mais, para que não se torne excessivo. Preciso apenas mencionar uma decepção: esperava que o senhor tivesse tirado umas férias de primavera. Anna não pôde fazer *isso* pelo senhor! E agora, a melhor época do ano terá transcorrido até à metade antes que o *senhor* chegue ao Semmering. Que o verão ao menos concentre em seus poucos e curtos meses o melhor que tem a oferecer!

Lembranças efusivas de sua

Lou

Sábado de manhã: \* a carta de Anna acabou de chegar — escreverei logo; e, por favor, agradeça-lhe por mim.

(Göttingen) 6.XI.27

Caro Professor,

Posso ter uma outra conversa com o senhor? O pequeno ensaio sobre Fetichismo\*\*<sup>196</sup> do *Almanach* eletrizou-me! Possui alguma coisa de tão completamente convincente. Eu própria jamais teria descoberto uma coisa dessas! E, no entanto, agora, ao rever minha experiência com meus analisandos e o que li e ouvi, vejo como tudo isso o confirma. Especialmente, talvez, o fato de que os genuínos fetichistas só são encontrados entre

\* A lápis.

\*\* Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, Vol. XXI, IMAGO Editora, 1974 (N. do T.)